

# De Rodeio - SC para o Mundo: Presença Missionária na Argentina, Chile e Timor Leste

## 1. Introduzindo

Celebrar o Centenário da Congregação é fazer memória, reviver momentos de fecundidade e de desafios, para da história reconsiderar as sombras e encontrar luzes, que nos permite, pela fé, continuar avançando e discernindo os novos apelos que a **Divina Fonte da Vida** nos faz em novos contextos. Assim, fazer memória dos caminhos percorridos de nossa presença missionária, como Província São Francisco de Assis, na Argentina e Chile, é considerar que a história que vem da “Fonte de Rodeio” e chega a outros países não é uma história linear e muito menos perfeita. É, sim, uma história cheia de percalços, sonhos, incertezas, esperanças, desafios, conquistas, alegrias, tristezas, contradições e conflitos com a hierarquia da Igreja. Tudo isso vem muito misturado, assim como na nossa vida. Ao dar visibilidade a essa história, de maneira sucinta, em que a vida vivida na sua intensidade escapa para além das palavras ditas ou escritas, levemos em conta que essas dinâmicas estão sempre presentes.

## 2. Missão na Argentina

Na década de 1980, insistentes pedidos vindos de diversas regiões se tornavam interpelação para as irmãs da Província. Desse modo, uma primeira resposta para a missão além-fronteira, da Província São Francisco de Assis, veio da região da Argentina, isto é, da Paróquia de Saavedra, diocese de Bahia Blanca. Era um Sonho? Teríamos nós condições de nos “aventurar” para anunciar a Boa Nova em outro país? Seria preciso coragem e ardor missionário. Na época, esse ardor parecia intenso, questão que levou as três primeiras irmãs - Ermínia Venturi, Helini Epanholi e Rosa Karnosky - a aventurarem-se a pisar um novo chão missionário, sem conhecer o idioma e a cultura. Era março de 1984, e o caminho missionário que começou em Rodeio e desbravou muitas terras de missão no Brasil, agora chega em Saavedra, cidade de 4.500 habitantes. Depois de um tempo de adaptação à nova cultura e de aprendizado da língua, as irmãs, iniciam a missão, cujo objetivo as levou a essa terra: visitar famílias, organizar aos grupos de e animar a pastoral na paróquia. Nesse período, Argentina vivia um contexto político, social, econômico um tanto conturbado, porque ainda se respiravam as consequências da ditadura militar. Havia um clima de desconfiança e as irmãs, por sua maneira franciscana de ser e porque não usavam habito, foram consideradas, por muitas pessoas, como “espiãs” e havia um clima de desconfiança, inclusive dentro do ambiente eclesial, o que exigiu delas persistência e confiança em Deus.

Depois de seis anos em terras argentinas e, conhecendo mais a realidade da região, as irmãs sentiram que poderiam responder melhor aos desafios da missão, assumindo outras exigências e gritos, se atendessem ao apelo de se deslocar para a sede da Diocese. Assim, dia 15 de fevereiro de 1989, elas se colocam em movimento até Bahia Blanca e se estabelecem no Bairro de Ingeniero White, onde vivia uma população pobre, em sua maioria, estivadores e operários. Nesse lugar, a presença missionária também se iniciou por meio de visita às famílias. As irmãs se faziam próximas àquele povo que, aos poucos, foi se sentindo amado e acompanhado na catequese, na pastoral juvenil e nos grupos de famílias. Nessa região, aos poucos elas integraram a equipe diocesana de catequese e de Cáritas. Em geral, os trabalhos pastorais paroquiais e

diocesanos não eram remunerados e a necessidade de sobrevivência levou as irmãs assumirem o mundo do trabalho, no serviço doméstico e de enfermagem.

Depois de dois anos presentes em uma Igreja em que o poder de mando ainda é hierárquico e masculino, as irmãs precisaram levantar a tenda e “sacudir a poeira dos pés”. Elas deixam Engeniero White e vão viver no Bairro Maldonado, levando a inspiração do jeito viver que emergiu em Rodeio, para uma região mais necessitada da presença religiosa missionária. Era dia 19 de abril de 1991. E, desde esse lugar, vem um apelo de expansão missionária, agora mais para o sul, na região da patagônica. Assim, depois de três meses em experiência de inserção naquela realidade, no dia 18 de fevereiro de 1998 nasce a fraternidade de Trelew, na diocese de Comodoro Rivadavia. Lá as irmãs assumem o desafio de animar e coordenar a “Cuasi Parroquia de Guadalupe” (paróquia sem padre), dinamizando a catequese, a pastoral da juventude, as caritas, a organização de grupos de estudos bíblicos; a preparação e celebração dos sacramentos do batismo e matrimônio e, ainda, a administração paroquial. Atualmente, com a presença de um padre para atender a paróquia, a missão começa a abrir-se para outros apelos, ou seja, para o atendimento à comunidade dos bolivianos que cultivam a terra, nas proximidades de Trelew e com o trabalho de enfermagem em um hospital, do qual elas garantem a sobrevivência.

A inspiração inicial que nasce em Rodeio, pelo SIM das três primeiras, foi florescendo em terras Argentinas, se expandindo também até as Cordilheiras dos Andes. É o apelo que vem dos povos indígenas, por meio do insistente pedido do Bispo de Bariloche, da Província de Rio Negro. Duas irmãs vão conhecer de perto os gritos na nova região, fazendo um discernimento do lugar de missão a ser assumido. Assim, desde Trelew partilha-se da própria pobreza dos recursos humanos e, em 04 de abril de 2006, **duas irmãs**, numa espécie de nomadismo missionário, assumem o desafio de viver e ser presença amorosa do Deus da Vida em Ñorquincó, uma aldeia de povos Mapuche, indígenas marcados pela solidão e pelo esquecimento político, econômico e religioso. Lugar do “primeiro anúncio”, espaço da vivência do carisma franciscano e de partilhar o “pão aos mais pequeninos”. Ali as irmãs viveram na gratuidade, partilhando da própria pobreza com os empobrecidos e marginalizados, acompanhando e animando as pastorais e iniciativas sociais até 2011, quando nos despedimos dessa missão, por não termos mais irmãs que se dispusessem para a mesma.

E, em março de 2012, depois de 11 anos de presença no Bairro de Maldonado, de Bahia Blanca, foi necessário redimensionar a missão, e assim, a “luz de Rodeio” chega à periferia de Viedma, capital da Província de Rio Negro. Uma cidade com mais de 60 mil habitantes cuja população, principalmente, dos bairros periféricos em sua maioria é formada por famílias procedentes de diferentes povoados, ascendentes dos povos originários, ou seja, do povo mapuche e de outras culturas procedentes de diferentes lugares da Argentina. A missão solicitada às Irmãs pelo então Bispo Esteban Laxague, foi a ser um testemunho de vida fraterna, profética e animadora para o povo da Comunidade São Francisco de Assis, acompanhando as atividades pastorais (catequese familiar, preparação para batizado, liturgia, formação de animadores, visitas as famílias, visitas aos doentes), e atividades sociais (microempreendimento: costura, panificação, estufa de diversas plantas...) Ali as irmãs integram também equipes diocesanas de Catequese, Pastoral Carcerária e Caritas, com as ações nos microempreendimentos do banco popular da boa fé.

A missão das Irmãs Catequistas Franciscanas na Argentina foi e continua sendo uma profunda experiência de encarnação, uma maneira de ressignificar a diaconia, em uma realidade que se reveste de outra roupagem, de outra cultura, de outro povo, Ali elas fazem a experiência de serem “Irmãs do Povo”, assumindo o modo franciscano de viver a simplicidade, a alegria, a pobreza e a irmandade universal.

### **3. Missão no Chile**

A expansão missionária do nosso carisma no Chile se vincula ao convite que venho das Irmãs Dominicanas de Bélgica. Essas, depois de cinco anos de missão junto a comunidade de Batuco, precisaram deixar o trabalho na comunidade, por falta de vocações. Não queriam deixar a comunidade sem um atendimento religioso, fato que as levou a procurar outras congregações e entre essas a nossa, a qual respondeu a este apelo. Desse modo, no dia 18 de fevereiro de 1999 as primeiras Irmãs Catequistas Franciscanas: Ir. Marisa Scheid e Ir. Nilza Stolf chegam no Chile, mais precisamente, em Batuco nos arredores de Santiago, lugar onde começamos a deixar as marcas do nosso carisma em terras chilenas, por meio do trabalho na pastoral paroquial.

Contudo, sem o apoio do pároco e sem renda financeira as irmãs encontraram dificuldades para levar adiante a missão. Em meio a esses desafios a ação de Deus se fez presente, apontando saídas. De modo que em 2001, elas partem em itinerância e chegam a São Bernardo, uma cidade localizada ao sul a 40 km de Santiago. Novos espaços de missão se abrem, por meio do apelo da Igreja local. Assim, elas assumem a coordenação e assessoria da Catequese Diocesana, colaboram junto ao departamento jurídico eclesial, e passam a atuar no campo da educação escolar. Nesse período, elas também assumiram a Pastoral dos Migrantes, em parceria com os Padres Carlistas, na capital de Santiago, em cujo trabalho lutavam pelos direitos de cidadania dos migrantes, seja contribuindo no processo de regulamentação de seus documentos, seja pela busca de trabalho para eles que, em sua maioria, eram bolivianos e peruanos.

Entretanto, a missão na catequese se tornou tensa, porque o então bispo Orozimbo Fuenzalida, que era da linha da Opus Dei, só aceitava um modelo tradicional de catequese, fato que levou as irmãs a repensarem a presença nessa diocese. Desse modo, no intuito de continuarem sendo fiéis a Jesus e ao carisma e comprometidas com um modelo diferente de Igreja e catequese, em 2003, as Irmãs deixam a Diocese de São Bernardo e vão viver em Pudahuel Sur, na região sul de Santiago, o que facilitou a mobilidade delas para o trabalho na pastoral dos migrantes. Passaram a residir na antiga casa das irmãs da Imaculada Conceição, as quais por motivos de saúde e idade avançada não puderam mais continuar a missão na paróquia Santa Maria del Sur. Nesse lugar de missão, as irmãs assumiram a assessoria à catequese familiar, aos jovens e ao grupo de terceira idade, bem como a assessoria às Comunidades de Base da Vicaria da Zona Oeste. Em vista da sobrevivência, continuaram mantendo uma presença na educação escolar. Esses espaços de missão foram sendo redimensionados de acordo com as irmãs que iam integrando a fraternidade.

Em 05 de março de 2010, a missão no Chile passou a ter mais uma fraternidade em outra paróquia, também na região de Pudahuel Sur, em Santiago, a qual nasceu do desejo das irmãs Dulcemari Ruviano e Tereza Makowska fazerem uma experiência de inserção junto aos pobres, em uma missão além-fronteiras. Elas se inseriram em um bairro que enfrenta problemas de jovens usuários de droga, prostituição infantil, famílias, em maioria, sustentada por mulheres e pessoas idosas. Buscam responder aos desafios da missão pela presença e trabalho apostólico junto aos idosos, na educação escolar, no serviço de orientação espiritual e na formação de lideranças, de catequistas e dos conselhos de comunidade.

#### **4. Participação do Projeto Missionário da CNBB/CRB em Timor Leste**

Como Província, sentimos, ainda, o apelo para participar de um projeto missionário feito em parcerias. Chegou a hora de um novo jeito de partilhar da missão além-fronteiras; de levarmos a inspiração da pequena cidade de Rodeio, traduzida pelo nosso jeito de ser e de viver o carisma, para o continente Asiático, mais especificamente para Igreja do Timor Leste, um país que conquistou sua independência em 1999. Trata-se de nossa participação em um projeto missionário assumido Igreja do Brasil para um período de 10 anos, como presença solidária e de colaboração na reconstrução do país, em contexto de pós-guerra. Diferentes

congregações religiosas participaram deste projeto e, na sua fase final, esse apelo missionário foi ouvido e acolhido também pela nossa província. Certas de estarmos “dando de nossa pobreza”, em 2008 uma irmã, corajosamente, partiu para ser missionária naquele país, permanecendo por dois anos a serviço daquele povo, atuando especialmente na Pastoral da Criança.

Desde Rodeio, o Chamado se fez caminho de missão! Oxalá, que a Trindade Amada fortaleça o nosso ardor missionário e nos agracie com novas vocações para que possamos estender a “tenda da missão” para novos areópagos culturais, ou novas terras de missão, onde os “pequeninos continuam a nos pedir pão”.

Irmã Neiva Furlin